



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

KYRE'YMBA: GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA

Marco Antonio Oliveira da Silva

Florianópolis, 2020

Marco Antonio Oliveira da Silva

KYRE'YMBA: GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau em licenciatura com ênfase em Arte e Linguagem sob a orientação da profa. Dra. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SILVA, Marco Antonio Oliveira da Silva
KYRE`YMBA : GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA /
Marco Antonio Oliveira da Silva SILVA ; orientadora,
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto , 2020.
34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. KYRE`YMBA. 3. Guerreiro Guarani. 4. Indígena.
I. Figueiredo Peixoto , Kércia Priscilla . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

Marco Antonio Oliveira da Silva

KYRE'YMBA: GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Ms. Orivaldo Nunes
Avaliador
Universidade do Estado de Santa Catarina

Ms. (a) Viviane Vasconcelos
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Ms. Cristiano Marioto
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 12 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13 horas, na Sala 110 de Antropologia – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professora Orientadora Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto e Presidente, Professora Viviane Vasconcelos, Membro da Banca, Professor Orivaldo Nunes, Membro da Banca e Professor Cristiano Mariotto, Membro da Banca, designados pela Portaria nº02/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Marco Antonio Oliveira da Silva subordinado ao título: “KYRE`YMBA: GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA.”

Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Viviane Vasconcelos, a nota final 10, do Professor Orivaldo Nunes, a nota final 10, do Professor Cristiano Mariotto, a nota final 10 e da Professora Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 11 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. VIVIANE VASCONCELOS

Prof. ORIVALDO NUNES

Prof. CRISTIANO MARIOTTO

Prof. KERCIA PRISCILLA FIGUEIREDO PEIXOTO

Candidato MARCO ANTONIO OLIVEIRA DA SILVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico **Marco Antonio Oliveira da Silva**, matrícula n.º16105939, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **“KYRE'YMBA: GUERREIRO GUARDIÃO DO POVO GUARANI MBYA”**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto

Orientadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Nhanderu. Também agradeço a minha linda esposa, que sempre está comigo, me incentivando para eu continuar o curso. Agradeço aos meus filhos porque eles foram a minha inspiração nos quatro anos de curso, não desisti por causa deles. Agradeço à minha linda professora Kércia, por todo tempo de acreditar em mim, por ela estar sempre me motivando ao longo do curso e aguentar minhas brincadeiras. Agradeço à professora Aline, por me ajudar no do curso. Agradeço a todos os professores do curso: Carlos, Mauro, Josué, Antonella e Nanblá. Agradeço à coordenação: Evelyn, Dorothea, Murilo, Antonella, Arianá e Eugenia. Agradeço à comunidade Maciambu Pira Rupa. Agradeço aos xeramoi que me concederam as entrevistas, Paulo e Pedro.

RESUMO

Kova'e tembiapo ma, ajapo yma ramo py oiko raka'e guarani mbya guigua ivare raxa va'e opamba'e py, kyre'yimba py maje oenoi raka'e opamba'e py oiko katu, yvyra re uguata, opopo, onha onha, yvyry pi voi inhakua, pytu rupi voi exapyxo, hi'arandu avi. opamba'e py tavy xeramoi kuery oipoano raka'e. yma guare rami ve'y, tujakue ve kaujo nomombe'u veima, va'eri ha'e kuery nomombe'u xe'yi, tuxa kue ko ay reve omombe'u xevai kaxo, va'eri omombe'u ava py nhaporandu porã'i ra, ha'egui opy'i re avi ha'e kuery omombe'u ra mba'emo jaikuaa xe'i va'e. Hay gui py opamba'e rei mapy Tekoa re oi, tataendy, ojekuaa va'e, kunumigue onhevaga xevai va'e, ipyva'e ha'egui ayu ryrú, ha'e vypy, ha'e rami py ndojapyxakai veima ha'e gui noendu xe veima tujakue ijayu ramo. ha'e vypy xee anhaa kova'e tembiapo rê aexauka ava kyrigue pe, mba'eixa gua vepa oiko raka'e nhanembyte re, kova'e koxo reve py ogueru eta mba'e'i jaikuaa ava, moa ka'aguy, kua'aguy re Mumba kue'i ry oi régua vi, tembi'u régua ha'egui mba'eixa xaiko kuaa ava ha'evy py ha'ejavi Tekoa rupi nhembo'ea óia rupi ova'e ava kova'e kaxo. Mokoi xeramoi pema aporandu kova'e kaxo régua. Pedro Vicente ha'egui Paulo Palácio, Pedro ma xondaro hae yma guive, ekoa má, tenonde pora barragem SP. Paulo má xondaro avi, ha'e má oi Argentina gui, ay má oiko mbyguaçu py. kova'e kaxo guima, eta mba'e okanhy rei má nhandereko py vaekue, jaru jevyta, xee anhaa ha'egui arovia vi kyrigue nhamombaraete ava

RESUMO

Foi muito grande o meu interesse por esse Trabalho de Conclusão de Curso porque eu sempre imaginei como seria um guerreiro Guarani Mbya. Desde criança ouvia muito a história do kyre'yimba, que eram rápidos e tinham visão noturna. A história contada pelos mais velhos era muito bonita. Os mais velhos sempre contavam que para ser esse guerreiro era preciso usar vários tipos de antídotos extraídos dos animais. Além disso, eram utilizadas plantas medicinais e alimento naturais. Meu interesse em registrar essa história é para que no futuro e nos dias de hoje sempre se fortaleça a nossa existência e resistência. Para que não se perca o nosso costume e tradição. Hoje os mais velhos já não contam muito as histórias como antigamente porque o jovem de hoje não presta atenção. Não tem interesse em ouvir as histórias. Competir com o mundo não indígena é muito difícil, porque tem a televisão o rádio, o som, vídeo game, celulares e etc... Tudo isso influencia muito no modo de vida Mbya. Mesmo assim acredito que com essa história vamos mudar muita coisa porque ela traz muitos elementos bons sobre as plantas medicinais, conhecimento sobre animais e sobre alimentação saudável. A minha intenção é oferecer essa história para as escolas e as comunidades indígenas Guarani, para que eles tenham conhecimento sobre nossos ancestrais e assim buscar fortalecimento das nossas práticas antigas. Eu tenho fé que tudo vai dar certo.

SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução	12
CAPÍTULO 1 - Os caminhos da descoberta do Kyre'ymba: o guerreiro guardião	14
1.1 – Breve descrição da Terra Indígena Pira Rupa	17
1.2 – Os percursos para a escolha do tema	19
CAPÍTULO 2 - Preparação do <i>Kyre'ymba</i>	23
2.1 – A história do <i>kyre'ymba</i>	23
CAPÍTULO 3 – Entrevistando os <i>xeramoí</i>	27
3.1 – Entrevista com o <i>xeramoí</i> Pedro Vicente sobre o <i>kyre'ymba</i>	28
3.2 – Entrevista com o <i>xeramoí</i> Paulo Palácio, o Kuaray Papa, sobre o <i>kyre'ymba</i>	31
3.3 – Uma história do jepota	32
CAPÍTULO 4 – A história do <i>kyre'ymba</i> na escola	34
Considerações Finais	37
Referências Orais	38

Apresentação

Sou Marco Antônio Oliveira da Silva, meu nome indígena é Karaí Jekupe Miri, cujo significado é religioso guardião sensível. Sou conhecido como Marcão ou Marco Guarani. Minha etnia é Guarani Mbya, cujo território no Brasil se expande do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, tendo aldeias guarani também no estado do Pará, se espalhando pelos países: Argentina, Bolívia e Paraguai. Nosso território é anterior às barreiras política-geográficas estabelecidas pelos limites nacionais e se chama Yvyrupa: planeta terra.

Sou filho de Tereza da Silva de Oliveira, que é guarani Mbya e de Ednaldo Borges da Silva, que é Pataxó. Nasci em Carmésia-MG e fui criado somente pela minha mãe na aldeia Guarani Boa Esperança, no estado do Espírito Santo. Por meu pai biológico ser de outro povo indígena, eu era considerado mestiço. Na cultura guarani, os casamentos são incentivados entre os indivíduos do próprio povo, como forma de proteger a cultura. Tendo nascido da mistura entre povos, quando criança sentia que eu era tratado de forma diferente, que eu era discriminado, mas me esforcei para me tornar um bom guarani.

Contudo, hoje entendo e tenho profundo respeito por esse critério em relação à formação das famílias, como forma de salvaguardar o futuro do nosso povo. As dificuldades que tive, para me afirmar como um verdadeiro guarani mbya, foram grandes aprendizados e me tornaram mais forte. Graças a essas dificuldades que tive que superar, hoje sou um líder do meu povo e me esforço para que nossos direitos sejam respeitados.

Atualmente, sou cacique da Terra Indígena (TI) Maciambu Pira Rupa. Localizada no município de Palhoça, Santa Catarina, esta TI com 3,52 hectares é a menor do Brasil. Na aldeia vivem 12 famílias e mais 5 pessoas solteiras. Vivo com minha esposa Cristiana Samanieco e nossas duas filhas, estamos esperando nosso terceiro filho. Sou pai de mais oito filhos de casamentos anteriores. Trabalho na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Pira Rupa como orientador dos professores.

Introdução

Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, e fala sobre o resgate de uma história que trata de uma prática guarani na formação dos seus guerreiros: os kyre'yimba. Nas aldeias guarani, essa prática já deixou de existir. Por isso, considero importante registrar essa história, tanto para que não se perca, quanto para que os mais jovens compreendam a importância de ter estratégias de luta. Isso requer tanto uma preparação física, quanto espiritual. Como os inimigos do povo Guarani, aqueles que ameaçam nossas formas de vidas e territórios, se transformam ao longo do tempo, os guerreiros precisam estar constantemente atualizando suas estratégias de combate. Portanto, resgatar essa história, e fazer uma relação entre ela e nossa preparação para os perigos e lutas de hoje, é muito importante.

Pelas pesquisas e informações registradas em trabalho de campo, para ser um guerreiro kyre'yimba era preciso coragem. Esse é um dos critérios mais importantes, pois diziam que desde criança era preciso ser muito corajoso porque nem todos são corajosos. Aquelas crianças que nasciam com esse dom eram preparadas com medicinas naturais específicas, para fortalecer seu espírito e seu corpo, que passava a receber um treinamento físico especial a partir dos 9 anos de idade.

A preparação consistia em dar para a criança chá de plantas medicinais e a passar no seu corpo banha de animais como a sucuri, a capivara, o macaco, a onça, o camaleão, o gavião, a coruja e o kyre'yimba. Vale informar que kyre'yimba é uma espécie de gafanhoto muito veloz. Cada animal fornece, através da medicina, um dom especial para o guerreiro em preparação.

Costumamos dizer também que uma pessoa “kyre'yimba” tem muita disposição para fazer qualquer coisa, ou seja, não tem preguiça. Contudo, nesse trabalho tratarei apenas do kyre'yimba como guerreiro guardião.

Para nós guarani, ser guerreiro hoje é muito diferente do que no passado. Antes, toda a luta era expressa fisicamente e a figura do kyre'yimba era imprescindível. Com o passar do tempo nossas lutas foram se transformando e o guerreiro guardião passou a ser um personagem do passado, cuja memória estava sendo perdida junto com as histórias sobre ele, que já não eram mais contadas. Por isso, fiz questão de resgatar essa memória para valorizar nossa cultura e inspirar os guerreiros de hoje a lutarem por seus direitos.

No passado, quando ainda existia o kyre'yimba nas aldeias, ele obedecia ordens diretamente do seu líder espiritual. Ele era acionado geralmente para trazer alguém que fazia algum mal terrível, como um assassinato. Especialmente, o kyre'yimba era preparado para a missão mais importante para a proteção da vida nosso povo: nos defender do ataque do jepota. Na nossa história, o jepota é um mutante maligno, que poderia exterminar uma aldeia. Por isso, o kyre'yimba era preparado, caso fosse preciso, para matar e para morrer. Um herói que percorria meu imaginário de menino, desde quando ouvi essa história pela primeira vez.

Essa lembrança, que tanto preencheu meus sonhos quando criança, nunca foi esquecida. Assim, com esse trabalho quero registrar essa história para que ela não seja perdida. Como liderança, espero que as novas gerações passem a conhecer histórias tão relevantes como essa. A intenção é que os guerreiros de hoje se inspirem a lutar pela nossa forma de ser e viver. Que lutem bravamente pelo território. Espero que eles entendam que precisamos de estudo, porque temos que falar bem, escrever bem, e estudar os nossos direitos, para defender aquilo que é nosso.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo falarei sobre os caminhos percorridos para desenvolver esse tema. Irei tratar desde a minha ligação quando criança com essa história até o desafio de trazê-la para um trabalho acadêmico. Vou contextualizar o meu lugar de vida e pesquisa, bem como explicar as opções metodológicas. No segundo capítulo, vou explicar detalhadamente sobre o que é o kyre'yimba, envolvendo aspectos de sua preparação física e espiritual. Esse capítulo está alicerçado nas falas de dois importantes xeramoj, que me ensinaram o que escrevo sobre o kyre'yimba. Já no último capítulo, trarei minha experiência no estágio docência no ensino médio¹, cujo tema escolhido foi o kyre'yimba. Demonstro como a escolha pedagógica de trabalhar com o resgate dessa história foi proveitoso, pois gerou curiosidade, interesse e o resultado foi uma pequena cartilha produzida pelos alunos² para ser usada na escola.

CAPÍTULO 1 - Os caminhos da descoberta do Kyre'yimba: o guerreiro guardião

¹ Requerido pela Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

² Da Escola Indígena de Ensino Fundamental Pira Rupa.

Figura (1) Opy casa de reza da Aldeia Pira Rupa



Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Kova'e tembiapo régua haygui aikuaa pota aikovy tei, aparupi rei'i mapy ndaijayu veima kyre'yimba regua, ha'egui okannhy rei'i má. Xekyre'y este ambopara ava kyre'yimba regua tei yma xekyri Javé py aendu ríaa karamboae ijayu'a ramo kyre'yimba regua ha'egui aenduxe vai karamboae. Ha'evy má xekyri jave ndavyvoi kuaai tei, anha'a avy voi ava ha'egui jape'a aroja ha'egui xondaro py ajeroky xe vai karamboae. Kova'e ré aikuaa pota tei, ay guipy kyingue vê ha'egui kunumi gueve, ndoikuaa pota veimá ha'egui ndoikuaa xeveima mba'evere, dovykuaai, ha'egui inhatey vai. Kyre'yimba regua puma, ogeru jaikuaa ava: Moa ka'aguy régua, tembi'u pora, kokue pygua, kuaaguy regua'i, mymba kue'iry. Kyre'yimba regua, amombaraete xe kova'e tembiapo, ha'ejavi ve tekoa, nhembo'ea oi apy ovae ava rami. Ha'rami py nhombo'e va'e kue'iry vou oikuaa ta, ha'e kue'iry Ju omboaxa tá ta'y kue'iry pe, ima'endu'a'i rako ha'e arupi aroma'endu'a kova'e tembiapo. Ay guipy naima'endu'a vei rei má kyre'yimba regua, uma py tujakue ve ima'endua mavy, ijayu kunymigue pevy, aipoe'i, Nei lê Nei ke, penhembovareke, kyre'yimba rami peikokatu ava, ha'egui pendevaré ava he'i karamboae, peixa aendu karamboae, ay guima nanhaenduvei má porame ijayu ara, aygui tu apamba'e py ndajaiko kuaa veima, nhanderexarai pama. Kyre'yimba regua, aexauka nhave, mba'exa ramo pa jaiko kuaa ta, tei ymapy, joguero'a, nhonypa, jogueru, jojukaava peve oiko ra'e, aygui py amboae ramira kyre'yimba jaexara, aypy jajexa vai opamba'e gui, texai gui, nhembo'ea gui ha'egui yvy gui, ha'eva rovára py oiko kyre'yimba ra.

Figura 2: Futuros guerreiros

Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Escolhi esse trabalho sobre o kyre'yimba porque quando criança ouvia os mais velhos contarem essa história. Passado o tempo nunca mais ouvi ninguém contando sobre ela, mas a figura desse guerreiro guardião nunca saiu da minha memória. Das muitas histórias contadas, essa era a minha preferida. Por causa dessa história, eu tinha muita imaginação: eu me sentia esse guerreiro. Naquela época, quando eu era criança, era muito difícil acordar cedo. Adolescente também sempre tem muito sono, mas mesmo assim eu me esforçava, acordava cedo, ia na casa de reza, dançava a dança do guerreiro e cantava, buscava lenha. Eu tentava ser o mais ágil de todos os meninos porque eu queria ser esse grande guerreiro kyre'yimba.

Hoje percebo que está sendo esquecida a história do guerreiro kyre'yimba. Acredito que por isso os jovens de hoje estão muito desanimados para fazer as coisas relacionadas à cultura, ao coletivo. É difícil ter disposição até mesmo para fazer artesanato, buscar lenha e também nos afazeres do dia a dia. Deste modo, resolvi escrever essa história para despertar esse interesse nos mais jovens, fortalecendo esse conhecimento nas escolas no dia a dia, falando sobre esse assunto também nas reuniões da comunidade.

Figura 3: Roda de conversa na casa de reza

Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Atualmente, os jovens estão cada vez mais distantes da realidade de convivência uns com os outros na aldeia. O uso de telefones celulares, jogos, entre outros, trazem um isolamento entre as pessoas. É importante o costume de escutar os mais velhos, pois é através deles que aprendemos muitas coisas. A história do kyre'ymba, contada por eles, fala sobre plantas medicinais, comidas tradicionais a espiritualidade. Com essa história aprendemos muito sobre como se alimentar bem para que o nosso corpo físico possa ter mais resistência. Aprendemos também como cuidar do nosso espírito e a viver em harmonia e tranquilidade.

Essa história desperta mais o interesse de produzir nossas armas tradicionais, que eram utilizadas pelos guerreiros, como o arco e flecha, zarabatana, tacape, borduna, machado, entre outras. Também traz a informação muito importante sobre como se alimentar porque a alimentação é muito sagrada para o povo indígena. A alimentação é muito importante para prolongar o tempo de vida. Comidas naturais, mandi'o, a mandioca, banana madura ou verde, milho, feijão, amendoim, peixe, mel de abelha etc.... Todos esses itens têm sua forma específica de preparar. Hoje em dia são utilizados alimentos industriais e isso prejudica muito a saúde. Tem vários tipos animais, dos quais eram extraídas suas banhas para serem utilizadas como medicina nesses pequenos guerreiros.

1.1 – Breve descrição da Terra Indígena Pira Rupa

Minha pesquisa foi realizada na Terra Indígena (TI) Morro dos Cavalos e também na Terra Indígena Maciambu Pira Rupa, onde vivo, na localidade de Maciambu. Ambas estão localizadas no município de Palhoça, no estado de Santa Catarina. Aqui descreverei sobre a TI Maciambu Pira Rupa que é a menor do Brasil, cuja dimensão é 3,52 hectares, o equivalente a dois campos de futebol. Lá vivem 18 famílias. A terra ainda não está demarcada, ela foi repassada para comunidade como usucapião através do Ministério Público e da Justiça Federal.

Figura 5: Escola



Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Nessa comunidade tem uma escola que tem 10 alunos e 6 professores. Não tem posto de saúde, mas tem dois agentes indígenas de saúde, um de saneamento e outro agente comunitário de saúde. Tem uma casa de reza, que de vez em quando as pessoas entram para rezar e fazer o agradecimento do dia a dia.

Infelizmente não temos um xeramoí, o líder espiritual, mas sempre que precisamos trazemos um xeramoí de outra aldeia. Temos uma casa comunitária, que é utilizada como local multiuso, onde fazemos eventos culturais e usamos também como cozinha comunitária. A 100 metros da nossa comunidade tem o lindo rio Maciambu, onde quase todos os dias os adultos e as crianças vão tomar banho.

Figura 6: Rio Maciambu



Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Esse rio, atualmente, está fora da nossa TI. Recentemente, tivemos uma grande conquista, que logo garantirá que o rio Maciambu faça parte da nossa TI. Desde a década de 1960, passa uma linha de transmissão da Eletrosul, com duas torres instaladas, dentro da nossa terra indígena. Há muito tempo, lutamos para que fossem retiradas de lá. Foi uma luta incansável junto ao Ministério Público Federal (MPF). Depois de muitas idas e vindas a reuniões com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), MPF e com a comunidade, finalmente no dia 23 de janeiro de 2020, obtivemos resultados favoráveis.

A área de duas terras, que fazem divisa com a nossa TI, serão compradas e incorporadas à nossa área. Uma delas tem 6 hectares e pertence ao senhor Sebastião, que é muito favorável a vender a sua terra, pois já estamos utilizando a área para banhos e já fizemos um campo de futebol. A outra extensão, de 4,86 hectares, pertence ao senhor Aroldo. A princípio, ele não estava disposto a vender. Apesar de todas as dificuldades de negociação, agora ele tem a intenção de vender. A terra que pertence ao senhor Aroldo é muito importante para nós porque é de lá que vem a nossa captação de água. Além disso, essa terra tem quase

todos os materiais para fazer o nosso artesanato e para construirmos nossas casas tradicionais. As duas áreas são sagradas para nós.

Figura 7: Duas áreas a serem adquiridas



Aldeia Pira Rupa, foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

A reunião do dia 23 de janeiro de 2020 foi com a comunidade, com a FUNAI, com a Eletrosul, e com a Caruso - empresa contratada pela Eletrosul para fazer os estudos de impacto ambiental. O Gerente do Departamento de Gestão Ambiental e Fundiária da Eletrosul, Marlon de Souza Wiggers, deu sua palavra de que entregaria toda a documentação dessas duas terras para a comunidade até o final de 2020. Todos nós ficamos muito felizes pela conquista. Portanto, vamos aguardar até final de 2020 para comemorar.

1.2 – Os percursos para a escolha do tema

Neste item vou narrar os desafios encontrados durante o processo de construção do meu trabalho, e a trajetória da pesquisa. No início quando comecei a fazer trabalho na faculdade, a professora Aline Ramos me perguntou qual tema eu iria escolher para o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso. A princípio, eu tinha escolhido pesquisar sobre o milho

sagrado e comecei fazer essa pesquisa na aldeia Marangatu, localizada no município de Três Riachos - SC. Nessa pesquisa de campo levei a minha mãe, dona Teresa da Silva de Oliveira, e minha sobrinha, Ticiane Oliveira.

Fomos visitar a xejaryi, dona Maria. Foi muito bom ver minha mãe e a dona Maria juntas porque elas são parentes. Elas ficaram muito felizes quando se viram e eu fiquei muito feliz também vendo a felicidade das duas. Ficamos na casa da dona Maria o dia todo. Falei para xejaryi, dona Maria, que eu sempre fico feliz quando vou na aldeia dela, porque ela é uma pessoa muito querida e é como se fosse minha avó também. Disse para ela que iria fazer umas perguntas sobre o milho, ela aceitou responder tranquilamente e contou sobre o surgimento do milho.

Achei interessante o que aprendi, mas passado algum tempo, percebi que não era o que eu queria pesquisar. Assim, acabei abandonando essa pesquisa sobre o milho sagrado. Ficava pensando qual tema seria bom para eu escolher. Como não conheço muito sobre as plantas medicinais, porque não trabalho com elas, fiquei muito empolgado com a possibilidade de conhecer e falar sobre as plantas. Tive interesse também porque minha esposa relatou um fato que aconteceu com uma prima, em Mato do Grosso do Sul:

Um casal, que já estava junto há muito tempo, teve 3 filhos. Ela era muito tranquila, dedicada, cuidava muito bem do marido e dos filhos, só que ele não dava valor. Passou um tempo, ele acabou se envolvendo com outra mulher e foi morar com ela. Depois de 5 anos, alguém do hospital mandou chamá-la. Ela não sabia para que foi chamada, mesmo assim ela foi. Ao chegar no hospital, estava o seu ex marido internado, com problema de saúde. Chamaram ela para ela tomar uma decisão. Os médicos perguntaram se ela autorizava cortar a perna dele porque a perna dele já estava podre e cheirando mal e ele poderia morrer se não fosse amputado. Ela respondeu que ia esperar o filho mais velho chegar. Quando o filho chegou, os dois ficaram conversando, e ela tomou a decisão. Falou para o médico que ela iria levar o ex-marido para sua casa, afinal ela gostava muito dele. Levou ele para casa e cuidou dele. Curou ele com plantas medicinais e até hoje estão juntos.

Essa história me deixou fascinado pelas plantas medicinais e eu queria aprender mais. Porém, quando eu comecei a contar que queria pesquisar esse tema para as pessoas que conheciam as plantas medicinais, percebi que elas não queriam repassar esses conhecimentos. Assim, acabei mais uma vez desistindo dessa pesquisa. Mais uma vez tinha que escolher

outro tema. Porém, não tive muita dificuldade para escolher outro tema porque já pensava sobre ele: meu novo tema foi sobre o kyre'ymba, o guerreiro.

Mais uma vez fiquei muito empolgado com o tema porque desde criança ouvia muito falar sobre esse guerreiro. Quando comecei a pesquisar percebi que não era tão fácil, pois mesmo que eu soubesse várias histórias desse guerreiro, eu ainda tinha muitas dúvidas e dificuldades. Quando comecei a pesquisar com os mais velhos, as versões das histórias que cada um contava eram um pouco diferentes. Depois de algumas entrevistas, conversei com uma pessoa que era um xondaro, um guerreiro que veio de Argentina, e o que ele falou me fez desistir da pesquisa. Ele me disse que o guerreiro kyre'ymba não era Guaraní Mbya. Ele achava que era Tupi. Aquela fala tinha me desanimado por completo porque eu esperava que fosse Mbya. Logo em seguida eu já estava pensando em um outro tema, mas ainda finalizei minhas perguntas para ele.

O tema então escolhido então foi sobre a língua materna Guaraní Mbya. Eu havia escolhido esse tema porque eu sou defensor da língua materna e a minha terminalidade na Licenciatura é Artes e Linguagem. Assim, conversei com a professora Kércia Figueiredo e eu estava muito triste porque não queria abandonar a história do guerreiro kyre'ymba. A professora me motivou a continuar a pesquisar as histórias do kyre'ymba. Fiquei feliz novamente e aqui estou escrevendo a história do guerreiro kyre'ymba. Essa é uma linda história.

Quando criança ouvia os mais velhos contarem essa história e parecia que nós estávamos nas cenas. Era muito legal na época. Hoje é raro ter um contador das histórias do kyre'ymba. A minha intenção é levar o trabalho sobre o guerreiro kyre'ymba para todas as escolas, indígenas e não indígenas. As histórias dos guerreiros kyre'ymba kuery são verídicas. Os relatos dos anciãos me fazem crer que atualmente eles ainda vivem entre a Argentina e o Paraguai.

Com essa história pretendo fortalecer as memórias dos nossos guerreiros kyre'ymba e tentar mostrar para cada um de nós, que somos os “kyre'ymba” de hoje. Lutamos pela melhoria de vida para o nosso povo. Lutamos por educação, saúde e principalmente pela demarcação de nossas terras e territórios. A atualização dessa história guarani nos dá força para nos mantermos atentos e fortes para reivindicar pelos nossos direitos. O kyre'ymba nos inspira a seguir no caminho do bem e do bem viver: o teko porã.

CAPÍTULO 2 - Preparação do *Kyre'ymba*

O segundo capítulo falará especificamente sobre o *kyre'ymba*, desde o nascimento até a sua preparação física e espiritual. Essas informações estão registradas² em conversas e entrevistas com dois respeitados *xeramoi* (anciãos) do nosso povo: Pedro Vicente e Paulo Palácio (Kuaray Papa). Na segunda parte do capítulo, escolhi trazer os relatos na íntegra, como forma de ser fiel às palavras dos *xeramoi*. Acredito que meu papel é ser portador e divulgador dessas palavras, para que estes ensinamentos sejam conhecidos e interpretados por pesquisadores do meu povo e especialmente pelos próprios Guarani Mbya. Optei por trazer também a trajetória da minha pesquisa com todos os desafios que enfrentei. Considero importante desmistificar a ideia de que para nós indígenas é simples ter acesso às informações do próprio povo.

2.1 – A história do *kyre'ymba*

Yma guive má, xee aendua kyre'ymba reko régua imanduaa raa rama, ha'e yma amombe'u mba'exa a'endu raka'e.

Kyre'ymba ra majy peixa oiko raka'e.

Kyri guaive maje Xeramoi kuery opaixagua kua'aguy rê oikova ipytue va'e guy, oipe'araka'e ikyrakue, kyre'ymba rare oikyty ava. oguereko oipoano are raka'e ha'egui oiporu avi moa ka'aguy.

Ha'e vypy tujakue omobe'u mavy Porã he'i.

Kyre'ymba maje imbaraete, anta, ipya'e, hexapyxo, ha'e onho maje ojepotava'e rovai rê ipo'a raka'e, vai'e mboapy kyre'ymba maje ndaipoakai raka'e ojepotava'e rê, mokoi pó ri kyre'ymba ramo maje ojukanho petei ojepotava'e, va'e kue'iry omano noavi, mboapy irundy kyre'ymba. Ha'egui tujakue ijayu vy peixa oiko rive'i va'e kyre'ymba e'y va'e maja mokoi pó onhemoi kyre'ymba rê vy, ndaipoakai, mba'e'y maja kyre'ymba pé mokoi po xondaro rive'i.

Tuja kuema tu nomombe'u pai katui'i hae ma , opamba'e regua'i, kyre'ymba katuve má, kyre'ymba kuery py, yma oiko jave, oiko avi raka'e, ivaija vê va'e, joapo vai xe, joapo vai temarive va'e, vá''eri oikoavi kyre'ymba nhomboaxi veva'e.

Ha'erami vypy tujakue, nomombe'u temarive, ha'erami vypy omombe'u, ypegue pegue'i rive.

Xapy'aramo py tujakue ha'e raygua gui guive okyje raka'e, kyre'ymba vai oiko ravara.

² Na ocasião da vinda deles para participar da Assembleia Guarani Yvyrupa na Terra Indígena Morro dos Cavalos, em maio de 2019.

*Ha'erami vypy pavê rei má ndoikuaa vei ma kyre'yimba régua,
 Yma yjayu karamboae petei tei rive, kyre'yimba maje onhepoano mboi kuyra py, ha'eva'e py
 onhepoano va'e kue maje ojopy má imoiny tei maje ytyi rei, ni ndopyi.
 Aendu avi karumbe kuyra guive oipoano va'e, ha'eva'e maje no nomano kuai ha'egui ni nopei
 yvate vate gui opo ho'a ha'erami tem maje ndokarau mba'eve.
 Aendu avi mba'emo ka'aguy oiko va'e, tokoiro, ha'eva'e py onhepoano vai maje oporai pora
 ha'egui ijayu hata ramo nhomondyi pá, ayu py tem imbaraeete.
 Ka'i kyra kue py guive maje onhepoano, ka'i rami oiko ava yvyra rê.
 He'erami vypy tujakue nomombe'u pai hae, pexa Juruá kuery rami.*

Há muito tempo eu já ouvia falar sobre o guerreiro kyre'yimba. O xeramoí usa vários tipos de plantas e vários de tipos de banhas de animais para passar no corpo da criança, que desde pequena fica aos cuidados do xeramoí.

Quando os mais velhos contam a história, eles dizem que os guerreiros kyre'yimba eram humanos muito fortes. Eles tinham um poder sobrenatural, muita velocidade de correr pelo chão, saltar sobre as árvores.

Era o único que poderia enfrentar o jepota, mas para enfrentar o jepota, precisava de uns dez kyre'yimba para matar o jepota. Mesmo assim uns três ou quatro kyre'yimba acabava morrendo e outros ficavam feridos.

Os mais velhos também contam que dez pessoas comuns para o kyre'yimba não era nada. Ele facilmente derrotava os dez porque ele a força de dez homens. Os mais velhos também nunca contam tudo. Eles contam o essencial e muitas vezes isso confunde a gente, nos deixa em dúvida.

Os contos são por etapas. E o nosso velho não conta muito sobre o guerreiro kyre'yimba porque acredito esse é muito poderoso e eles têm muita preocupação em criar um ser invencível. Por isso, essa história está se perdendo.

Antigamente falavam que aquele que usasse a banha da cobra teria uma habilidade especial: ninguém conseguiria pegá-lo. Os mais velhos contam também que era utilizada a banha de jabuti para não sentir dor e para não morrer.

Os xeramoí falam também da cigarra, que usa a simpatia dela para ter uma voz poderosa.

Era também usada a banha do macaco para ter agilidade como ele.

E assim os xeramoí contam as histórias.

a. Preparação do corpo físico

Desde criança, a preparação do corpo para ser um guerreiro inclui a utilização de plantas medicinais. Estas são passadas no corpo da criança e também servidas como chá. Tais fórmulas eram dadas para a criança que se tornaria o guerreiro, para ele tivesse um corpo físico saudável e forte. As crianças destinadas a serem guerreiras, desde bebês eram cuidadas pelos anciãos e anciãs, conhecedores de vários tipos de remédios. Um remédio que era muito usado era o pegue poã na língua mbya, um tipo de babosa. E também era utilizado plantas medicinais na fase adulta que acaso venha se machucar ou se quebrar era utilizado plantas para ter recuperação rápida.

b. Preparação do espírito

A criança destinada a ser guerreiro tinha que ter um espírito muito forte. Conversando com os meus pais, eles falaram que a história conta que os *kyre'yimba* não tinham piedade. Só que as missões dirigidas a esses guerreiros eram somente em situações muito críticas. Visto que eles eram preparados para morrer e matar em defesa do povo. Por tudo isso, o espírito da criança era preparado antes mesmo de nascer, quando também se preparava o espírito dos pais.

c. Arte física

Os guerreiros usavam vários tipos de armas, mas a preferida deles era *yvyra raimbe*: um tipo de facão que corta de dois lados. Essa arma era muito utilizada nos treinamentos entre eles. Ainda utilizavam o arco e flecha. Essa arma eles gostavam muito porque não precisa estar tão perto para acertar teu oponente e é silenciosa. Quando atingia a idade de 10 anos começavam os treinamentos.

d. Culinária

Os guerreiros se alimentavam da mesma comida que a comunidade, que inclui: mandioca, batata, milho, feijão, amendoim, banana, palmito, guarakati, a guavira, araçá, melancia, melão, cana guarani. E também carne de tatu, tamanduá, quati, capivara, onça, lontra, porco do mato, cateto, gamba, anta, queixado, paca, cutia e aves como, galinha do mato, marreco, jacu, macuco, pombo do mato, sabiá, papagaio e saracura. Comiam peixe, jundia, cara, traira. Tomavam a bebida de mel, *kaguyjy* que é a bebida de milho.

e. Remédios

Era extraído de algumas espécies de aves para ter uma visão noturna e precisa durante todo tempo. Também eram utilizadas plantas medicinais como colírio nos olhos para aguçar a visão noturna e precisa. Segundo o xeramoí Kuaray Papa, um *kyre'ymba* desde criança é treinado para lutar contra o jepota. O jepota, é mutação do corpo do humano e espírito mau da floresta, pode ser espírito mau da onça, da minhoca, da lontra, de peixe, lobo, cachorro, cobra, porco do mato, paca, etc.

Ainda quando criança o *kyre'ymba* recebia banha de animais pelo corpo, para ter força física, para ter agilidade, e para ter visão de dia e de noite. E é usado também plantas medicinais em forma chá, para ajudar a saúde do corpo, para não ficar doente e caso quebre algum osso.

O xeramoí Kuaray Papa afirma que para ser um *kyre'ymba*, desde pequeno, usava na criança ervas medicinais. Como usava: chás como bebidas e pomadas cicatrizantes para a criação de imunidade sobre a doenças. São várias plantas que eram usadas para ter cura quase instantânea e as banhas utilizadas eram de cobra e jabuti. Por exemplo: a banha de sucuri é passada no corpo da criança para ter força até destruir seu oponente, assim como a sucuri o faz. As cobras também têm o dom de hipnotizar o seu oponente e deixá-lo paralisado.

f. Audição

Treinamento na mata com meditação ouvindo cada passo de cada ser vivo existente na floresta, e rastrear. Eram feitos alguns treinamentos com animais que tinha o faro bem preciso para sentir e escutar de longe se alguém está vindo ou indo ou andando. O *xeramoí* Kuaray Papa também conta que o *kyre'ymba*, tem uma audição, visão e olfato preciso, ouve as coisas de longe, ouve o que aproxima, fica atento a tudo.

CAPÍTULO 3 – Entrevistando os *xeramoí*

Figura 8: *Xeramoí* Pedro Vicente



Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Nas entrevistas com os *xeramoí*, eu me apresentava como indígena e como aluno da universidade. Falava da importância do conhecimento cultural, que a gente vem mantendo nas comunidades, e que muito dele vem sendo esquecido, por falta de prática e também porque as informações não estão sendo repassadas. Informei que nós, os alunos da universidade, estamos trazendo o conhecimento indígena para os não indígenas, mas que a gente está procurando fortalecer o nosso conhecimento, com pesquisas nas aldeias feitas através de gravação de áudio e vídeo. Disse que esse trabalho já vem sendo feito e que depois ele é apresentado para as comunidades.

Falei para os *xeramoí* que é importante os guarani estudarem porque cada aluno pega um tema ou um projeto da própria cultura para pesquisar. O exemplo que eu disse para eles foi que alguns alunos da licenciatura pegaram como tema de pesquisa as plantas medicinais, que muitos de nós já não conhecemos. A partir desse estudo, o aluno vai resgatando muitos conhecimentos sobre as plantas. Outro exemplo, foi do aluno que escolheu pesquisar sobre a

dança. Além disso, passava todas as informações dos trabalhos realizados na escola para que *xeramoí* tivessem compreensão e passassem as informações para mim.

Informava que o meu trabalho seria sobre o *kyre'yimba* e que eu já conhecia um pouco dessa história. Mas, como as histórias são diferentes umas das outras, eu queria saber como era realmente a história. Eu achava que o *xondaro* e o *kyre'yimba* eram o mesmo personagem, mas na verdade, os dois *xeramoí* com quem conversei afirmavam que não eram o mesmo.

Antes de relatar as entrevistas, quero aqui registrar o quanto é difícil entrevistar os *xeramoí*. Eu sabia que era difícil, mas não imaginei que era tão difícil, porque pensei que o fato de eu ser uma liderança conhecida e de ser um cacique facilitaria. Mesmo eu chegando com todo o jeitinho para pedir para os mais velhos me concederem entrevistas sobre meu trabalho, eles me falavam com todo o jeitinho que não dava naquele momento.

Mas, eu entendo porque que eles não gostam de dar entrevistas. Não é natural. Eu mesmo não gosto de dar entrevistas. Parece que a gente tem que falar o que as pessoas querem ouvir. Eu queria saber sobre o *kyre'yimba* e é lógico que perguntaria sobre esse assunto. No entanto, os *xeramoí* costumam contar histórias na casa de reza. Eles contam o que eles querem e quando querem. Não o que a gente quer que eles falem. Por isso, é estranho usar equipamentos fazer perguntas tão direcionadas. Ainda assim tive sucesso em algumas tentativas.

Tive dificuldades porque eu já tinha perguntado para duas pessoas que sabiam da história do *kyre'yimba* e elas falaram que naquele momento não estavam disponíveis para responder minhas perguntas sobre o assunto. As tentativas de entrevistas ocorreram durante a assembleia guarani *Yvyrupa*, realizada entre os dias 20 e 24 de maio de 2019, na Terra Indígena Morro dos Cavalos. As respostas dos possíveis entrevistados era a de que precisavam prestar atenção na reunião que estava acontecendo. Diante de algumas tentativas frustradas, procurei o *xeramoí* Pedro Vicente, e ele com certa resistência concedeu uma entrevista.

3.1 - Entrevista com o *xeramoí* Pedro Vicente sobre o *kyre'yimba*

Entrevista com Pedro Vicente de 65 anos, que mora na Terra Indígena Tenondé Porã, em São Paulo capital. Usei uma câmera filmadora para fazer essa entrevista, com ajuda do Cristiano Mariotto, o Cris Kuré. Eu começo a entrevista e pergunto sobre o *kyre'yimba*.

Pedro Vicente: eu sou um *xondaro* desde muito tempo, tenho 65 anos de idade, vou falar um pouco sobre a história do *kyre'yimba* e do *xondaro*. São duas coisas muito diferentes. *Xondaro* é para servir os líderes. Quando chegavam visitantes na aldeia, nós que carregávamos as bagagens. Quando era marcada uma reunião e multirão na comunidade nós que era encarregado para avisar a comunidade. Íamos casa por casa para avisar. Nós somos encarregados de animar nas danças. Nós fazíamos variadas tarefas como buscar lenhas, carregar água, servir chimarrão, apresentar a dança do *xondaro*, saíamos para a mata para procurar mel de abelha, fazíamos armadilha para pregar tatu, paca, porco do mato, etc.

Na entrevista, percebi que o senhor Pedro não se sentia muito à vontade para falar sobre a história do *kyre'yimba*. Muitas vezes eu perguntava para ele como era o processo para ser *kyre'yimba*, ele desviava muito a atenção, olhava para os lados e eu ficava preocupado com isso. Ele sempre voltava a falar sobre o *xondaro* e eu queria saber profundamente mesmo a história do *kyre'yimba*. Com muita insistência, eu chamava a atenção para ele falar sobre o *kyre'yimba*.

Pedro Vicente: Para ser um guerreiro, ele começava o treinamento desde pequenininho. Ele já tinha uma preparação que usava as plantas medicinais. Tomava como chás e passava no corpo da criança como antídoto. Também eram retiradas banhas dos animais para usar como simpatia. Passava no corpo da criança como massagador. Tudo quem fazia era o pai e o avô. A partir dos 10 anos de idade, eles começavam os treinamentos mais rigorosos e mais pesados. Como por exemplo de correr na mata, de subir nas árvores, carregar madeira, pular entre as árvores, fazer a meditação e praticar lutas com armas e sem armas. O *kyre'yimba* no Brasil já não existe mais. Acredito que no Paraguai e na Argentina ainda existe o *kyre'yimba* porque para lá têm os guarani que moram longe da cidade e porque naquela região até os dias de hoje tem ainda muito remédio e simpatia. Muitas coisas já não me lembro bem porque já faz muito tempo.

A partir da fala do *xeramoí* Pedro Vicente e de outros *xeramoí*, eu entendo que às vezes as pessoas mais velhas sempre têm um pouco de dificuldade para falar, principalmente

ao ar livre. Especialmente porque quando eles contam a história desde muito tempo é contada na casa de reza na beira da fogueira. O xeramoí se sentia bem à vontade porque muitas vezes a gente não perguntava. Ele mesmo falava, escolhia as histórias que queria contar. Hoje os mais velhos têm um pouco de receio porque nós perguntamos para eles. Eles não falam mais o que eles querem. Eles acabam falando o que a gente quer ouvir. Por isso, que a gente tem essa dificuldade, mas mesmo assim eu agradeço muito, e percebi que ela já não queria falar mais.

O xeramoí Pedro Vicente perguntou para xeramoí da época como eles conseguiam ser tão ágeis. Então, o xeramoí contou que eles eram os guerreiros kyre'ymba e ele muito curioso perguntou ao xeramoí o que precisava fazer para ser um guerreiro. O xeramoí respondeu que para ser um guerreiro kyre'ymba a preparação deveria começar desde muito pequeno. Nas palavras do Xeramói:

Pedro Vicente: Essa história tem muito tempo. Na época eu tinha aproximadamente 10 anos de idade, e hoje eu já estou com 60 anos. Por isso, como você veio até mim, eu vou contar o que me lembro de como o guerreiro kyre'ymba surgiu. Na época tinha muito humanos sendo possuído pelo espírito mal da floresta chamado de jepota. Jepota é um ser muito poderoso que sofria mutação após a morte. Eu vou contar um pouco primeiro sobre o jepota. A história do jepota começa assim: os mais velhos sempre falam para os mais jovens, não faça isso, não faça aquilo. Fala muitas vezes para não ir na mata caçar sempre, fala para os jovens não ir pescar sempre, fala também para os jovens não namorar tão cedo, porque vem a consequência depois de tudo isso. Quando a gente faz as coisas sempre tem a consequência porque quando fazemos sempre na sequência, uma hora sempre dá errado e podemos ser atraídos por uma coisa muito ruim. E os jovens muitas vezes não escutam os pais, os mais velhos, e por isso eles são atraídos pelo espírito mau da floresta. São vários os espíritos maus, que podem ser das onças, dos peixes, das lontras, dos peixes, das minhocas, dos sapos, do porco do mato, etc. São vários os espíritos ruins que na visão dos jovens, esses espíritos ruins devem ter algo boa para eles, que acabam sendo atraídos e apoderados em seu corpo e espírito. Depois de alguns dias esses jovens vão ficando tristes, pois é um período que o envolvimento fica maior entre os jovens e o espírito jepota. Já é um período também de acasalamento, quando chegar a esse nível, já estão quase mortos porque as pessoas aprisionadas também sofrem muito quando estão sozinhos. A saudade é muito forte, e os espíritos não conseguem ficar durante o dia, por isso que os jovens ficam quase morrendo durante o dia e a noite ficam felizes. Mas

passa mais um tempo e logo os jovens acabam morrendo. Quando eles morrem são enterrados, e passados dois ou três meses, eles acabam sofrendo uma mutação na própria sepultura. Quando isso acontece, quando tem um curandeiro forte na aldeia, imediatamente ele fica sabendo e reúne os guerreiros e vão a sepultura e cavam e retiram e enfia uma estaca especial no peito, porque a pele deste ser é muito resistente. Essa estaca chamamos de kuarepoti. Ela é feita de uma madeira que sofreu um ataque de Deus trovão, relâmpago, ou seja, a estaca deve ser produzida a partir de uma madeira que tenha recebido um raio de trovão durante uma tempestade. Dessa maneira se consegue matar o jepota porque ele está na fase de recém-nascido. Muitas vezes Tupã, deus trovão com seus raios também mata esse ser. Mas, muitas vezes esses espíritos do mal, que sofreram a mutação, acabam saindo do túmulo. Já na fase adulta se torna um ser quase invencível e somente aquele guerreiro kyre'yimba consegue matá-lo. Para isso eram reunidos aproximadamente de 10 a 12 kyre'yimbas, contra esse ser, e assim também morriam vários kyre'yimba.

3.2 - Entrevista com o xeramoí Paulo Palácio, o Kuaray Papa, sobre o *kyre'yimba*³

O segundo xeramoí que entrevistei foi Kuaray Papa, de 60 anos. Ele nasceu na Argentina, em Água Branca e foi morar no Rio Grande do Sul, no Salto de Jacuí. Ele cresceu indo na opy, na casa de reza. Por fim ele veio morar na aldeia Itaty, na Terra Indígena Morro dos Cavalos. Eu tive muita dificuldade para conseguir essa entrevista com xeramoí Kuaray Papa, porque tinha pouco tempo que ele havia chegado de Rio Grande do Sul. O conheci quando ele foi na minha comunidade. Neste dia tinha um evento e tinha muita gente na comunidade. Logo percebi que o Kuaray Papa era uma pessoa mais velha e já fui falar com ele, como faço de costume. Sempre procuro falar e dar atenção aos mais velhos. Na conversa, perguntei para ele se ele sabia a história do kyre'yimba. Geralmente quando fazemos a entrevista com os mais velhos, eles fazem um breve histórico de sua vida e depois que eles respondem o que se perguntou. O Kuaray Papa começou a contar:

Kuaray Papa: Quando era criança, os mais velhos não envolviam muito agente nessas questões de luta, mas eu me lembro bem de uma cena que aconteceu. Cheguei na opy, a casa de reza, e tinha dois kyre'yimba, um na porta e outro bem no centro da casa de reza. A casa era muito grande e um dos guerreiros estava com arco e flecha na mão e começou a mirar para o outro que estava na porta da casa de reza. O xeramoí ficou assustado olhando aquela situação.

³ A entrevista aconteceu no dia 01 de setembro de 2019 às 11 horas na aldeia Itaty, Terra Indígena Morro dos Cavalos, que fica no município de Palhoça, estado de Santa Catarina.

Então, o guerreiro kyre'yimba que estava com arco e flecha atirou em direção ao outro guerreiro kyre'yimba que estava na porta, que por ser muito ágil pegou a flecha na mão, então logo em seguida chega o xeramoi, e fala para os dois guerreiros irem brincar em outro lugar. Tranquilamente eles foram.

Eu perguntei ao xeramoi o que os dois guerreiros estavam fazendo naquele momento, ele me responde que estavam brincando e disse “eu era muito pequeno, fiquei espantado”. Ele nasceu na Argentina e durante a vida andou por diversas aldeias. Ele tem bastante informação, ele percebeu que muita coisa era perdida, como a língua. Ele ficou muito triste em ver a cultura sumir. Ele relatou muitas coisas. Em suas palavras “Deus nos fez diferentes e agora gostamos de falar em outra língua”.

Ele visitou outras aldeias e falou que antigamente para o cumprimento era dito: Agujevete em uma longa frase, diferente de hoje em dia que se fala Javyju (bom dia), Nhandekaaru ju (boa tarde), nhandepyty ju (boa noite de chegada) e japytu`uju (boa noite de despedida). Kuaray Papa, disse que viu na casa de reza, um fato relacionado ao kyre`ymba:

Kuaray Papa: Na casa de reza tinha um kyre'yimba ruvixa⁴, com arco e flecha, apontado para o kyre'yimba aprendiz. Ele joga a flecha nele, e o kyre'yimba aprendiz desvia, assim aparece outro kyre'yimba que vem com yvyra raimbe (um tipo de espada guarani), e se ele conseguir sair dos dois ele se torna um kyre'yimba.

Ele fala que os treinamentos rigorosos começavam aos 10 anos de idade, quando faz o efeito dos antídotos dados à criança. Até hoje tem kyre'yimba no Paraguai, mas ele não sabe se ele é do povo Mbya ou do Tupi. Para isso seria importante a pesquisa no Paraguai, a partir dos parentes, mas para ir lá tem que pedir a autorização do cacique, pois, eles podem se sentir ameaçados e atacar. O tempo de treinamento, depois disso, eles ficam livres e se tornam um kyre'yimba.

3.3 – Uma história do jepota

Uma história que me chamou muita atenção, ela quase não tem um começo, meio e fim. É um trecho que descreverei a seguir: existia um jovem, ele conheceu uma moça e

⁴ 5 Um líder dos guerreiros.

acabou se casando, passou alguns anos eles tiveram um filho. O jovem sempre foi o caçador ele fazia mondé, armadilha de caça para as pessoas da comunidade. Às vezes ele desaparecia. Como na época as aldeias ficavam espalhadas, muitas vezes as pessoas iam e vinham. Naquela aldeia onde estava aquele rapaz, as pessoas sempre desapareciam e não voltavam mais. Até que um tempo tinha poucas pessoas na comunidade, e as pessoas que ficavam ali tinham suas casas eram fechadas e não sumia mais ninguém.

Como ele era caçador, ele ia na mata buscar algum animal que caia na armadilha. Só que várias vezes que ele ia lá e tinha resto de animais, indicando que alguém ou alguma coisa já tinha passado por lá e se alimentado. Aí ele voltava para casa angustiado, bravo e triste e falava para esposa dele que não sabia o que estava acontecendo, que tinha alguma coisa comendo os animais que caíam em sua armadilha. Ele disse que iria descobrir, que ele ia ficar de guarda e observando.

Dessa forma, ele ficou a noite inteira observando, quando deu quase 4 horas da manhã, ele viu que alguma coisa estava se aproximando ali, ele viu que era uma coisa bem grande, como se fosse uma onça, ou um lobo grande. Ele ficou assustado, era isso que estava comendo a caça. Ele percebeu que ele podia seguir o bicho grande, que estava indo para a aldeia. Ele ficou preocupado com a família dele e continuou seguindo o bicho.

Quando chegou perto da aldeia ele viu que o bicho se transformou em uma pessoa da comunidade e ficou apavorado e assustado. Então, ele percebeu que as pessoas que sumiam da comunidade o bicho estava caçando e comendo. Foi até a família e pediu que eles fossem embora, porque havia alguma coisa muito ruim se aproximando. A esposa dele não acreditou, permaneceu na aldeia e o jovem e seu filho foram embora.

O jepota matou todo mundo da comunidade, pois o jovem caçador tinha falado sobre o jepota. Depois de ter matado todos da comunidade, ele foi atrás do caçador e seu filho, durante a caminhada eles ouviram o grito do jepota dizendo: me espere meu neto, eles continuavam a caminhar porque esse grito vinha de muito longe. Aí quando o grito chegou perto, eles correram apavorados. “Agora nós não temos mais escapatória”, eles subiram em cima de uma árvore e se prepararam para se defender.

O jepota chegou bem perto do pé da árvore e ficava rodeando. O jovem atirou as flechas. Como o corpo era muito forte, era difícil penetrar a flecha no corpo do jepota, que tentava derrubar a árvore. Com a sua força balançou bem forte a árvore e a criança acabou

caindo. O jepota matou a criança e estava comendo a criança e nesse exato momento ele baixou a guarda e ficou parado. Ai o caçador mirou bem a flecha e acertou no olho do jepota. Foi tão forte que a flecha atravessou a cabeça, o que resultou na morte dele. Muito triste o jovem chega em uma comunidade nova e conta o que tem acontecido com ele, e todos ficam tristes com ele e o acolhem.

CAPÍTULO 4 – A história do kyre'ymba na escola

Fiquei tão emocionado com a história do kyre'ymba, que no meu estágio docência escolhi esse tema para trabalhar na sala de aula com os alunos do ensino médio. Quase todos os dias cantamos para iniciarmos as aulas. No primeiro dia do estágio, falei com os alunos sobre o guerreiro kyre'ymba. Perguntei para eles se sabiam ou se já ouviram falar sobre os guerreiros kyre'ymba. Uma aluna nunca tinha ouvido falar. Os outros dois alunos já conheciam.

Perguntei para eles como eles ouviram falar.

Figura 9: Professor e alunos



Foto: Raiana Samaniego

Eles disseram que o guerreiro kyre'ymba era um ser humano muito forte, que desde criança ficava sob os cuidados dos curandeiros. E, esses curandeiros utilizavam vários

tipos de arte para torná-lo forte. Logo em seguida eu comecei a falar sobre o guerreiro. Falei que durante os cinco dias do meu estágio iríamos trabalhar sobre o guerreiro kyre'yimba. Conteí algumas histórias, falei sobre a importância de registrar a história. Eles ficaram interessados no assunto.

No segundo dia do estágio, passei um filme para assistir chamado "Chinobi". É um filme de luta, que foi baseado em um fato real. Os personagens do filme corriam pelas árvores, tinham audição precisa, eram muito rápidos. Eu achei parecido com a história do guerreiro kyre'yimba. Depois do filme, eles fizeram alguns comentários.

Tínhamos mais três dias de aula, falei para os alunos que durante esses três dias faríamos uma pequena cartilha sobre o guerreiro kyre'yimba. Com muito trabalho e dedicação fizemos a cartilha. Os alunos ficaram muito felizes de ter produzido o material. Eles falaram que queriam fazer mais porque essa cartilha era só uma parte da história. Ficaram mais interessados em saber outras partes da história.

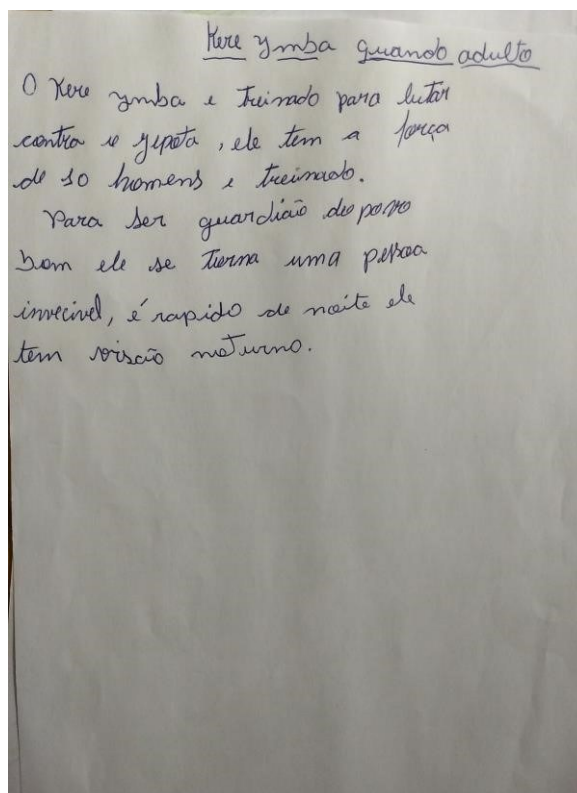
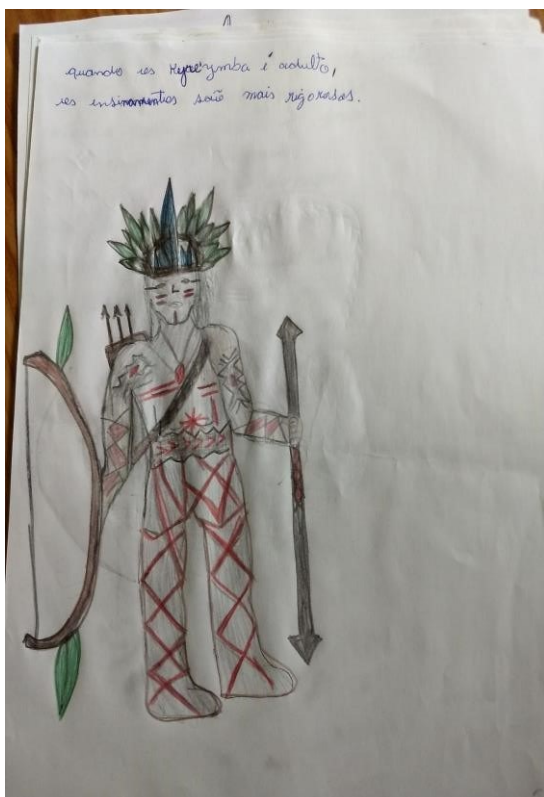
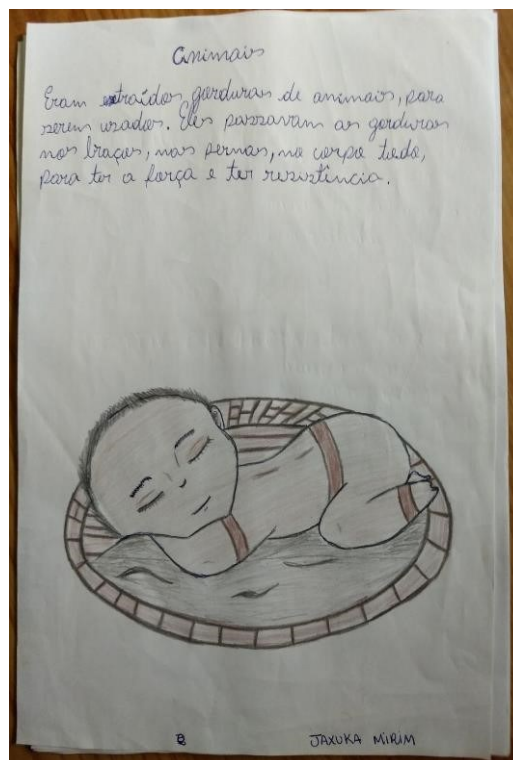
Para mim também foi uma experiência muito positiva. Falei para os alunos que outra parte da história fica no Paraguai e Argentina, aonde estão nossos parentes. Todos ficamos muito interessados em ir nos países vizinhos para pesquisar a história do guerreiro kyre'yimba. Seguem algumas fotos dos alunos preparando as cartilhas e dos desenhos feitos por eles e nela inseridos:

Figura 10: Alunos do ensino médio



Foto: Marco Antonio Oliveira da Silva

Figuras 11, 12, 13 e 14: Capa, contra capa e ilustrações da cartilha.



Fotos: Marco Antonio Oliveira da Silva

Considerações Finais

Esse trabalho sobre o kyre'yimba é muito importante para os Guarani porque as histórias atravessaram gerações através da oralidade. Através dessa pesquisa, agora essa

história começa a ser registrada. Isso vai ser uma bagagem muito importante porque será as escolas poderão acessar esses conhecimentos sobre plantas medicinais, alimentação saudável, e saber dos animais que tradicionalmente são extraídas as banhas. Na cultura Guarani cada ser vivo tem uma história, isso é e será explorado através do conhecimento das histórias.

Dessa maneira, ela pode até gerar essa prática novamente porque essa história em si era realidade. Até esse exato momento, a história era transmitida somente através da oralidade. A partir de agora está registrada e não correrá o risco de ser esquecida. Acredito que no jovem despertará o interesse de se aprofundar mais na história e também de praticá-la, pois é parte do nosso costume. Acredito que no futuro nós vamos precisar desses guerreiros, contudo acreditando que nossos guerreiros kyre'ymba hoje são os jovens que estão estudando para fazer uma educação diferenciada de qualidade, para lutar pela saúde indígena diferenciada e de qualidade, e também pela demarcação das terras indígenas. Ou seja, os kyre'ymba serão os guerreiros fortes que vão lutar pela causa indígena.

Acredito muito que essa história do kyre'ymba aqui escrita é só uma parte. Meu desejo é continuar com trabalho, aprofundar mais a história, fazer pesquisas com os parentes guarani mbya de Paraguai e Argentina. Os xeramoí falaram nas entrevistas sobre a possibilidade de ainda existir, nos países mencionados, o guerreiro kyre'ymba. Talvez eu possa continuar essa pesquisa futuramente, quem sabe em um mestrado.

Referências Orais

Pedro Vicente

Paulo Palácio